

COLUNA

CAPOEIRANDO

Jeferson do Nascimento Machado

Juliano Lima Schualtz

Capoeira paranaense em perspectiva: presença negra



A Capoeira foi criada pelos africanos escravizados como ferramenta de resistência, no contexto do Brasil Colônia, e assenta-se em diversos elementos, como a dança, a luta, o jogo, a música, a ritualidade entre outros. Dessa forma, enquanto o mundo ocidental tende à fragmentação cultural e social, a Capoeira opera no campo da totalidade.

Essa arte marcial-afro, no seu aspecto de resistência, pode ser apresentada em três escalas: uma corporal (individual), outra coletiva e outra político-social. Na escala corporal, os escravizados encontraram outros usos para os membros capturados pelo sistema, assim, a mão que cortava a cana, passou a produzir música; na escala coletiva, os escravizados se reuniam, fazendo rodas e formando agrupamentos, como as maltas; Na escala político-social, ela foi usada para a proteção, autodefesa e combate.

Naquilo que diz respeito às demarcações geográficas, vale frisar que a historiografia fixou, por bastante tempo, a sua atenção sobre a Capoeira das



idades do Rio de Janeiro, Salvador e Recife. Todavia, há fontes que evidenciam seu desdobramento no nível molecular para outras partes do território, descentradas dos eixos recorrentes. Um desses outros locais, no qual a Capoeira se desenvolveu, foi no Paraná.

Entretanto, a Capoeira paranaense foi, junto com outras expressões culturais negras, ignorada pela elite da região. Pode-se dizer que, essa elite, teve no movimento paranista, a sua expressão ideológica mais bem acabada. Este movimento, atuante desde a emancipação do Estado (1853) até a década de trinta, buscou forjar uma região diferenciada. Em geral, eles buscavam apresentar um Estado Diferente, que não havia passado, tal como as outras partes do Brasil, pelo processo de escravidão e tinha nos emigrantes europeus seus reais e fundamentais

construtores. Nesse sentido, a capoeira foi estrategicamente silenciada, pois ela operava como um dispositivo de temática racial, que marcava a presença negra, contradizendo a ideologia paranista.

Por outro lado, os novos estudos começam a desconstruir essa falsa imagem, mostrando que o negro foi essencial na formação do Estado e continua sendo parte integrante e estruturante da sociedade. Exemplo disso podem ser encontrados no livro *A abordagem Histórica sobre a população negra no Estado do Paraná* (2017), que reuniu estudos de diversos pesquisadores.

Entre as novas pesquisas, também estão os estudos recentes sobre a Capoeira (CALDAS, 2012; MACHADO, 2019; PORTO et al, 2010; SENTONE, 2013; SOUZA, 2018; QUIMELLI, 2017). Em particular, os nossos estudos têm apontado para dois momentos da Capoeira no Estado. No primeiro, encontra-se uma Capoeira não institucionalizada, praticada pelos grupos subalternos e usada como autodefesa. No segundo, encontra-se uma prática institucional, organizada em grupos, associações e federação, sendo inserida no mercado de artes marciais. Aqui vamos nos deter somente ao primeiro momento.

Ainda não temos dados suficientes para afirmar, categoricamente, a existência da Capoeira no período da escravidão, entretanto, existem alguns indícios para isso. Por exemplo, os relatórios antropológicos do Quilombo de Água Morna, apontam para a existência de uma ancestral quilombola, Mãe Romana, que teria participado da Guerra do Paraguai (1864-1870). Conforme relatos de Djair Alves de Lima, descendente quilombola, ela teria lutado “na Guerra com navalha na mão e no vão dos dedos dos pés”. Vale pontuar que a utilização de navalhas, em especial nos dedos dos pés, era uso típico dos capoeiras dessa época.

Todavia, se não podemos afirmar a existência de uma capoeira escrava paranaense, podemos apontar que ela esteve presente desde o final do século XIX, como podemos verificar na notícia de 1889, veiculada pelo jornal *Diário da Tarde*. Ali, sob o título de “Brinquedos e Cacetadas”, encontra-se a informação de que Felipe Gonçalves e Izidoro Mendes, foram flagrados jogando Capoeira por um terceiro, de nome Manoel Ramos, que atacou um deles com um cacete. Felipe, que foi agredido revidou, sacando de sua arma e atirando em Manoel Ramos.

Posteriormente, em 1900, a Capoeira voltou a ser noticiada, pelo mesmo jornal. Desta vez, trata-se de um soldado que foi flagrado jogando capoeira com uma mulher. Conforme o jornal o desfecho teria sido de “[...] tabefes e sangue”, denotando a apropriação da Capoeira por agentes do Estado.

Anos mais tarde, o Diário do Paraná destacou outro caso, envolvendo uma capoeirista. Desta vez, Joana da Silva de 23 anos, usou da Capoeira para se defender das agressões de João Fernandes, no quarto de uma boate na Vila Guaíra. Conforme a capoeirista: “[...] ele quis me matar, quis me ‘amassar’ muito e eu tive que me defender’. [...] ‘ele deve ser maníaco, logo que nós entramos no quarto ele foi me acertando um soco no olho e me derrubando no chão’ [...] (DIÁRIO DO PARANÁ, 1979, p. 10). Mesmo assim ela [...] conseguiu dar uma gravata e cravar a faca no pescoço da vítima (DIÁRIO DO PARANÁ, 1979, p. 10). Mas Joana, que dizia saber ser “danada”, quando fosse necessário, foi presa e autuada em flagrante na delegacia do 8º Distrito policial. Ou seja, o desfecho foi a criminalização da vítima.



Posteriormente, em 1983, outro capoeirista, utilizou da Capoeira como autodefesa. Mestre Oriel Feliciano Lopes, que estava no interior do bar, “foi provocado e agredido pelo militar Orvaldo Gonçalves Ferreira, de 33 anos, que portava um cabo de aço.” Entretanto, apesar do militar estar portando o cabo de aço, foi o Mestre que “acabou levando a melhor e o militar precisou ser medicado no Pronto-Socorro do Cajuru, a delegacia de Homicídios foi comunicada da ocorrência e passou o caso para a delegacia do 7.º Distrito” (DIÁRIO DA TARDE, 1983, p. 4).

Ainda há outras aparições da Capoeira no Estado, que ficaram também registradas nos jornais. Entretanto, a partir dessas fontes, podemos apontar que a Capoeira, a qual apareceu na história fazendo trincheira, abole o mito do Paraná sem negros. Além disso, pode-se dizer que o Paraná perdeu muito ignorando a cultura negra, pois o povo negro, mesmos vivendo em situações limites, sempre criou aberturas, provando a sua humanidade e produzindo as mais elevadas expressões culturais e artísticas, como o Blues e Hip Hop nos Estados Unidos, o Reggae na Jamaica, os escritos literários de Ngũgĩ wa Thiong'o no Quênia, as produções intelectuais de Fanon na Martinica. No Brasil, os negros contribuíram para a formação da riqueza material e cultural,

produzindo obras geniais como as de Machado de Assis e expressões culturais como o Samba e a Capoeira. Estéticas e razão negra do negro (MBEMBE, 2018), que desracializam e potencializam. Assim, narrar a história da capoeira paranaense é elevar a própria cultura do Estado e contra o Estado, que dentro da ideologia paranista sempre aparecia desterrada, deslocada para um não-lugar.



Jeferson do Nascimento Machado

É Graduado e Mestre em História pela Universidade Estadual do centro Oeste. No campo acadêmico tem desenvolvido estudos sobre a Capoeira, em especial, da Capoeira paranaense. Além disso, também foi praticante assíduo da Capoeira por longo tempo, tendo deixado a prática em 2011, quando ingressou na vida acadêmica. Desde a entrada na academia, até hoje, tem se dedicado ao estudo da prática.



Juliano Lima Schuartz

É estudante de História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa e militante no Coletivo Negro Ilê Aiyê, na mesma universidade. Neste coletivo, participa de um grupo de estudos sobre autores outsiders, que são poucos explorados pela academia, como Frantz Fanon, Achille Mbembe, Angela Davis, entre outros. Além disso, começa a desenvolver estudos acerca da literatura brasileira contemporânea. Também inicia estudos sobre o negro e a Capoeira. No geral, acerca do campo teórico, tem realizado diálogo com os estudos pós-coloniais, decoloniais e pós-estruturalistas. Além de tudo, também praticou capoeira por alguns anos e busca desenvolver um projeto de Capoeira dentro da universidade.

Referências

CALDAS, A. **Valentia e linhagem: valores sociais em negociação e mudança entre os capoeiristas**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Londrina: UEL, 2012.

MACHADO, Jeferson do Nascimento. **História da capoeira na cidade de Ponta Grossa: relatos e fotografias**. Dissertação (Mestrado em História). Irati: UNICENTRO, 2019.

PORTO, L; NOVICKI, M; MASCARELLO, M L; GUIDES, A (org.). **Curitiba entra na roda: presença(s) e memória(s) da Capoeira na capital paranaense**. Curitiba: Edição do autor, 2010.

QUIMELLI, K. **Identidade cultural brasileira presente nas representações dos capoeiristas do Grupo Muzenza**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas). Ponta Grossa: UEPG, 2017.

RAGGIO, Ana Zaiczuk; BLEY, Regina Bergamaschi; Trauczynski, Silvia Cristina (org.). **População Negra no Estado do Paraná: Coletânea de Artigos - Abordagem Histórica**. Curitiba: SEJU, 2018.

SENTONE, L. **O Desenvolvimento da Capoeira em Matinhos: contribuições do Mestre Bacico**. Matinhos: UFPR, 2013.

SOUZA, F. **“Liberdade era o que o berimbau pedia”**: a prática musical na Academia de Capoeira Praia de Salvador. Dissertação (Mestrado em Música). Curitiba: UFPR, 2018.